

O previsível também espanta

Villas-Bôas Corrêa

A nova Constituição, virtualmente pronta depois de 19 meses de acidentada gestação, está sendo comemorada e carpida com explosões ruidosas de entusiasmo e os repêlões descalabrados do desatino, mas com o traço comum da surpresa, o ar aparvalhado de espanto diante do inesperado que premiou um lado com o feixe de vitórias imprevisíveis e puniu a outra banda com derrotas fora de todos os cálculos.



De certa maneira, compreende-se o esbugalhar de olhos de decepcionados e surpreendidos com conquistas e avanços emplacados com muita luta, suor, competência e sorte.

A maioria virou minoria na Constituinte, em desconcertante troca de sinais. O que é verdade; meia-verdade pelo menos.

A história da virada está sendo contada, com luxos sofisticados de interpretação, entre lamúrias de lideranças que estão falando sozinhas ou seguidas por meia dúzia de gatopingados. Muita tinta e papel ainda serão consumidos nas tentativas de análise, virando pelo avesso o fato consumado.

Alguns, mais céticos, opõem a ressalva que não foi bem assim. Nem os conservadores perderam todas - e está aí mesmo a UDR a soltar foguetes nos funerais da reforma agrária - nem os progressistas acertaram sempre nos acordos com uma fatia do centro. A observação pode ser justa mas esquece o fundamental: os conservadores estavam com a boca torta pelo abuso do cachimbo, vêm controlando o legislativo desde sempre, com a tranquilidade de esmagadoras maiorias obedientes e convictas e, na outra ponta da gangorra, as forças populares jamais juntaram mais do que uns poucos, minúscula minoria, com direito ao berro do protesto e ao registro do voto da derrota.

Sempre foi assim. Na Constituinte de 46 - a anterior a esta, que de lá para cá a conversa foi outra - o PSD falou grosso pela maioria conservadora e a UDN se esganiçou pela minoria igualmente moderada. A esquerda, bulhenta e brigona, não participou efetivamente das decisões.

Agora, tudo sinalizava que seria assim. A mesmíssima coisa. O engano começa na mentira dos números. Logo que as urnas definiram a composição da Assembléia Nacional Constituinte - eleita com os sortilégios do cruzado mas empossada na maré vazante da ilusão desfeita - parecia garantido por antecipação o modelo conservador da futura Constituição pela sólida, acachapante maioria moderada. Só o PMDB dava para escorar a aprovação de anteprojeto montado pelas lideranças, articuladas pelo governo. E mais as reservas do PFL, do PTB, do PDS.

As contas de Luís Inácio Lula da Silva, - enunciadas em tom lamentoso logo que o plenário mostrou sua face e reafirmadas na euforia dos avanços - param em uma centena de

constituintes de fé, com matrícula na esquerda. Portanto, desvantagem de 4,5 a um.

Desmanchou-se a maioria ao longo de um percurso sinuoso e acidentado. É inútil descarregar remorsos imaginando o que poderia ter sido e não foi. Ou a distribuição das carapuças aos responsáveis pela cambalhota.

O que aconteceu, e está hoje claro, é que o centro ortodoxo, radical, também minoritário, não conseguiu conservar os aliados naturais, um pouco mais prá lá, no meio da estrada: moderados na hora de decidir seus interesses, mas chegados ao popular no afago ao eleitor.

Liderada, solidária em torno de um anteprojeto, a Constituinte talvez seguisse outro rumo. Talvez. Desde que suas lideranças se amparassem na popularidade. Do governo popular a partidos consolidados. Quando tudo desabou com estrondo, estava claro que a Constituinte apelaria para as saídas de emergência. No caso, escancaradas para os descampados da coerência com todo o movimento das mudanças.

Só que não aconteceu agora. Mas desde o princípio, nas muitas fases de acomodação do seu roteiro atribulado. A partir da convocação da sociedade para montar o esqueleto do anteprojeto apresentando suas propostas e reivindicações. No ensaio da Comissão de Sistematização, quando se antecipou o que depois se ampliaria, sem tirar nem pôr, nos acertos de plenário. A minoria à esquerda aliou-se com os históricos do PMDB, rompidos com os conservadores, e mais os progressistas do PFL, de todas as legendas liquidificadas na bagunça partidária.

O *Centrão* foi um equívoco. Mais do que uma reação conservadora, significou a revolta, comandada pelas lideranças centristas, contra a marginalização do plenário pelos 93 do grupo de elite da Comissão de Sistematização.

Na hora de votar, desfez-se e, afora alguns êxitos miúdos, exhibe os crachás da derrota do parlamentarismo e a definição dos cinco anos de mandato para o presidente José Sarney.

A Constituinte amoldou-se às pressões da sociedade, acionadas pelas organizações de ponta. A Constituição está pronta. Quais são suas marcas identificadoras?

Em avaliação sumária, as que saltam à vista podem ser alinhadas facilmente: descentralizadora, desestatizante (embora não pareça), nacionalista, nordestina, liberal, com destaques para os direitos individuais e coletivos e os direitos sociais. Cada um desses pontos merece exame cuidadoso e sério.

Mas, não são essas as bandeiras da campanha das mudanças? Os motes gritados nas ruas, repisados nos comícios? As reivindicações exigidas pela sociedade?

Nenhuma delas pode ser apontada como artificialmente embutida no texto através de entendimentos tipicamente políticos. Ao contrário: pousaram na Constituição suavemente, em aterragem normalíssima.

Não viu e agora se espanta, quem não olha para o céu para acompanhar o voo dos pássaros e o risco de fumaça dos aviões.